

CORREIO DO VOUÇA

Semanario independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES Editor—José Ferreira de Magalhães

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetia collaboraçao que não seja sollicitada.

PAUSAS DA VIDA

X

UM CASO DE PHILOSOPHIA MORAL

O quadro que vou pintar, com as côres grosseiras e desbotadas da minha pobre paetheta, não é fructo da imaginação humana posta ao serviço de uma ideia, mas uma reprodução historica, o traço fiel de uma hora tremenda que passou no mundo. Figure-se, em Vizeu, uma praça funebre, um campo de morte. Oito soldados em linha, oito filhos do povo, de que as paixões ou as leis fizeram carrascos, tinham as armas promptas de maneira a poder estoirar um cranéo de um momento para o outro.

Em frente d'elles, cada peito para cada cano, estavam oito condemnados á morte, porque não sei nem me importa saber, creio que por terem dado vivas a D. Pedro IV.

Guardava-se esse momento de silencio monstruoso, de vil calafrio, que precede as execuções capitales.

Finalmente, dispostas as coisas para o matadouro, o official que commandava a manobra abaixou a espada, ouviu-se um estrondo sinistro, e os corpos dos miseraveis, varados pelas balas, baquearam todos no meio do chão.

O governo, grande, generoso, magnanimo, permitia que a Misericordia cobrisse com a sua bandeira os membros ensanguentados dos que tombaram, e os considerasse, por esse piedoso ceremonial como coisa sagrada onde bocas immundas não pudessem cuspir.

Estendeu-se pois o manto da compaixão sobre os cadáveres das victimas.

E todos se retiravam com a satisfação hedionda do rancor saciado, ou com esse arrepio da natureza de que falla uma testemunha do supplicio de Tropman, quando uma mulher teve uma ideia diabolica, uma inspiração infernal: erguen a bandeira, e descobriu entre os mortos... um vivo!

Não lhe acertaram as balas? Era plano combinado de salvacão?

Não sei; elle lá estava, cosido á terra, contando a respiracão, reprimindo o menor movimento, recioso de ser trahido pelo seu coração que batia como um martello junto dos outros que a morte gelára.

Retrocederam os soldados á sua fleira; retrocedeu a onda do povo ao supplemento medonho do spectaculo; e o misero, d'esta vez, cahiu a valer!

E tu dormiste em paz nessa noite, ó megéra, ó demonio!?

Loanda, 31 d'agosto de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Cartas de um homem obscuro

Permitta-me V. Ex.^a que eu venha aborrecer os leitores do seu *Correio do Vouga* com algumas cartas, que tratarão de assumptos varios, excluida a politica para a qual sempre mostrei grande aversão. Bem sei que, hoje, a politica é tudo; é uma deusa que tem grande culto; a politica eleva as nullidades, exalta os imbecis, ennobrece os maltrapilhos; a politica é meio e não fim; a politica é o que definiu Pinheiro Chagas: uma teia de Penelopé. O'ra se eu, por mal dos meus peccados, tivesse entrado na politica teria de ella sahido a breve trecho e á primeira imposição que se me fizesse para approvar uma patifaria. Por isso, declaro, que a respeito de politica nestas cartas, *vade retro*.

Creio que V. Ex.^a me faz a justiça de acreditar que eu não tenho a louca vaidade de imaginar que estas cartas possam dar nome ao seu jornal; a minha prosa insonsa e mal limada terá o presunso de encher espaço quando os seus muitos afazeres lhe não permittirem escrever todo o original de um dado numero. E' só isto que tenho em vista, e nada mais.

Sabe V. Ex.^a, tão bem como eu, que a grande missão da imprensa deve ser educar e instruir; educar pelos escriptos do mais fino quilate moral; instruir pela divulgação de conhecimentos da mais immediata utilidade pratica. Mas quando longe está a imprensa, no geral, de cumprir essa nobre missão! Na sua grande maioria a imprensa é um vasto repositório de insultos, de palavras e phrases só proprias dos prostibulos e das alquilarias; a imprensa lança vituperios sobre aquelles que não pertencem á sua grege e, á falta de argumentos para combater os seus adversarios, vai divulgar actos da vida intima malbaratando a honra alheia. Como meio de instrucção a imprensa pouco ou nada faz. Eis, Ex.^a Snr., o que eu penso da imprensa em geral. Se eu nestas cartas me embrenhasse em questões politicas era de esperar que recebesse em troca das minhas palavras sinceras as phrases amargas citadas por Camillo num dos seus melhores romances, quando descreve as agressões de que foi victima, por parte dos seus proprios cretigionarios um honrado advogado, que depois de ter pelejado pela liberdade contra o despotismo, vinha pedir paz e reconciliação, citando o Evangelho e Christo. Diriam que a minha prosa era imitação dos sermonarios de algum frade falperrista, e outras tolices de igual força, de que só são capazes os escrevinhadores que por

esse pais fóra medram á sombra da sua qualidade de *jornaleiros*; perdão, que me enganei; queria dizer, *jornalistas*.

Para introito destas cartas creio ser bastante o que deixo dito.

Com respeito á orthographia que empregare nestas cartas, como já estou velho, emprego aquella que aprendi em pequeno; e muito tarde para mudar de rumo. Depois não me entendo, nem quero entender, com essa algarviada que para ali arranjaram e que mais me parece castelhan de mez e meio, para me servir de uma classificacão do nosso Garrett, que prepararam essa cousa que chamam orthographia, melhor empregariam o seu tempo se estivessem a dormir. Eu chego a passar diante de tanta anomalia, diante de tanta leviandade, de tanta incoherencia. Creio que, d'ora-avante, quem quizer, *menos eu que não quero*, se ha de escrever:—*la, laco, iquidade, idifear, idificio, idil, iduamos, Igen, Igeria, igide, Igitto, Imilio, Imilia, imulação, imido, inigma, Jolo, Iquador, iquiparar, irarido, istimação, istima, istio, istuario, iterno, Itroptia, itiope, Itna, iter*, visto que os sabios, de mez e meio, querem que se escreva:—*Igreja, igual*.—O'ra se o *ae* inicial latino de *Aeclerisiam*, e de *aequalem*, passou para *i* em português, tambem para *i* passou o *ae* inicial de todas as palavras que acima citei. Mas a culpa de todo este cahos em que vai ficar a nossa bella lingua de Camões, de Vieira e de Herculano não é dos *sabios*, de mez e meio, é de quem lhes deu acceptação, e não teve a coragem precisa para averhar com elles. Entim lá se venham, que pela minha parte continuarei a escrever como aprendi, isto é a escrever, como escreveram os mestres da lingua dos quaes o ultimo fio do nosso immortal Herculano. Não teem conta os despanterios dos sabios! Depoits são arrogantes e, ás vezes, incorrectos; fallam em auctoridade! Quem lha deu? De onde veem? Que trabalhos de vulto os tornaram merecedores da auctoridade que se arrogam? Nenhuma nacaão se importou com a *sónica*. Só nós os imitadores do que ha de mau lá por fóra, sem possuirmos o devido criterio para copiarmos o bom. Haja vista o que tem succedido com as repetidas reformas de instrucção. E' de assombrar! Se fôsse possível ajuisar-se da nossa cultura intellectual pelos programmas, nenhum pais se nos poderia equalar. Uns sabios, uns doutos! Infelizmente vae uma desgraça por esse pais fóra, quer entre professorado, quer entre estudantes. Uma verdadeira vergonha. Professores de latim, três e mais vezes reproçados em curso e que só passaram com muita agua benta e á *capucha*, não sabem latim. Professores de francez, que ensinam a algarviada que nunca foi francez; de inglés a mesmissima cousa. E por essas provincias fóra um nunea acabar de professores nas mesmismas condições do célebre dr. Minerva do eminente medico dr. Manuel Bento de Sousa.

Mas ponho ponto nesta primeira carta. Deixemos em paz os Cappadocios, nome pelo qual o meu grande mestre Latino Coelho classifica-

va os sabios de mez e meio do nosso Garrett.

Na carta immediata occupar-me-hei de assumptos litterarios, ou historicos. E' conforme o meu espirito estiver disposto.

De V. Ex.^a amigo muito grato e admirador sincero,

Cecrops.

Notas ligeiras

Transcripcão

O nosso collega *Campeão das Provincias*, um dos jornaes mais antigos do paiz, transcreveu o artigo que o director d'este semanario publicou a proposito da obra litteraria do sr. General Correia dos Santos. E' mais uma homenagem prestada ao illustre official e erudito escriptor, e signal de que o seu nome é respeitado em Aveiro.

Pela imprensa

Começou a publicar-se, na vizinha freguezia de Alquerubim, no dia 28 do mez passado, um semanario, intitulado *Concelho d'Albergaria*, de que é director o nosso amigo sr. dr. José Nogueira Lemos. Em varios dos artigos do primeiro numero, que acabamos de receber, encontramos a affirmacão de que o seu fim é educar e instruir, pondo de parte absolutamente questões de caracção pessoal. E' esta a unica missao digna da imprensa e muito estimaremos que o novo collega a realise.

Instrucção popular

Queixa-se o nosso querido correspondente de S. João de Loure do facto de a escola do sexo masculino da nossa vizinha d'alem-rio estar fechada ha muitos mezes. Convencemo-nos de que as estancias superiores não têm d'isto conhecimento, pois d'outro modo já estariam tão graves falta remedida, tanto mais que o actual governo não deixa de reconhecer que a regeneração do paiz, está dependente, em grande parte, da instrucção e educação do povo. E' indispensavel, portanto, que o sr. Sub-Inspector Escolar intervenha no assumpto, chamando para elle a attenção das estancias superiores.

Mã orientaçao

Noticiam os jornaes que uma professora de Lisboa foi, com vinte e tantas das suas alumnas jun-car de flores as campas dos regicidas Buica e Costa. Concordamos em que a intenção da professora lisbonense seja patriótica—despertar nas creancinhas, cuja educação está a seu cargo, o amor á Republica, mas cheios de tristeza reconhecemos que o processo escolhido não podia ser peor, pois elle envolvia a aplogia d'um crime e a glorificação de criminosos. Mas acceitamos que o regicídio se impunha, para evitar a desgraça de muitos homens, talvez o desaparecimento d'uma nacionalidade. De modo nenhum ainda applaudimos o procedimento da professora da capital, pois ha muitas maneiras de educar a creança no culto da Patria e da Republica, sem lhe despertar

ao mesmo tempo a *sympathia* pelos meios violentos, entre elles, o mais monstruoso de todos — o assassinato.

Um Evangelisador

Ninguém poderá negar que Antonio José d'Almeida foi dos homens que mais apaixonadamente trabalharam pela proclamação da Republica. A organisação do partido republicano, hoje fraccionado, deve-se a elle. O povo, por isso mesmo, era-lhe grato, amava-o, adorava-o, idolatrava-o. Não exageramos. Talvez homem publico nenhum do nosso paiz tenha conseguido insinuar-se tanto no coração do povo como Antonio José d'Almeida. Mas o que são as coisas d'este mundo... Elle que ouviu, durante largos annos, apenas applausos, começa agora a ser apupado, e ainda na quinta-feira quem assistiu como mero espectador á sua chegada á capital do Norte devia ter tido a impressão de que remontára alguns annos atraz e de que estava a assistir á recepção do odioso e odiado João Franco. O que são as coisas d'este mundo e o que é a politica — sempre a mesma, *sporca!*

A paz

Parece que está terminada a guerra entre a Italia e a Turquia, cabendo a esta o triumpho. Os italianos, segundo as informações dos jornaes, tiveram 5:000 mortos e 7:000 prisioneiros, e perderam 95 canhões, 37 metralhadoras e 17:000 caixas de munições, que caíram em poder dos turcos.

Eis uma prova evidente de que sempre para a paz universal!

A' pressa

Ninguém ignora que um jornal é uma coisa feita sempre á pressa, não ha coisa feita sempre á pressa, não ha coisa feita muitas vezes tempo para se pensar o que se diz, quanto mais para o dizer bem. Quando nos resta vagar para reler este semanario, encontramos sempre nelle que emendar, não fazendo, senão excepcionalmente, as respectivas rectificações para não nos tornarmos impertinentes. Occorrem-nos então os seguintes versos do notavel polygrapho do seculo XVII D. Francisco Manuel de Mello e esquecemos um pouco a arrelia que nos causou a graalha ou o disparate:

Da infelicidade da composicão
erros, da escriptura
e outras imperfeições da estampa,
não ha que dizer-vos:
—vós os védes, vós os castigae.

Cecrops

E' o pseudonymo d'um homem illusterrissimo que quiz honrar as modestas columnas d'este semanario com a sua collaboracão. Elle vae concorre para que o nosso jornal realice, finalmente, a sua aspiração de sempre—contribuir para a educação do povo portuguez, pois tratará de preferencia assumptos de caracter litterario e historico, pondo systematicamente de parte a politica, entendida esta palavra na sua baixa accepção, a unica que se conhece em Portugal. Agradecendo a *Cecrops* a immerecida honra que nos quiz dar, felicitamos os leitores d'este jornal.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Um dia d'estes, entrou-me em casa um conhecido e, quasi á queima roupa, disse-me ao que vinha, pouco mais ou menos n'estes termos: como você sabe, hoje em dia, nada se consegue sem empenhos, e, portanto, tenha paciencia, mas hade arranjar-me uma recommendação para o juiz...

Não o deixei acabar. Interrompi-o bruscamente, com estas palavras violentas: «Se a razão da sua vinda aqui é apenas essa, deve voltar já pelo mesmo caminho.»

Não me tomou a serio, e sem reparar na minha indignação, cada vez maior, insistiu no seu pedido, repetindo o portuguezissimo argumento — nada se consegue sem empenhos — que é a revelação mais completa da nossa profunda decadencia moral.

As suas palavras, que, ao principio, me irritaram singularmente, acabaram por anestesiar-me: fallou durante uns dois ou tres bons quartos d'hora, rememorando casos escandalosissimos de juizes venaes, e eu a ouvir, sem forças para lhe gritar: calle-se!

Não tardou muito que, convencendo-se, pelo meu silencio, da possibilidade de conseguir o que desejava, se dispoz a pormenorizar-me o facto sobre que versaria a recommendação. «Um pobre rapaz, dizia-me elle quasi commovidamente, teve a infelicidade de dar uma facada...

Estremeci, signal de que se operava no meu organismo uma reacção forte contra o meu anterior estado de abatimento, quasi de insensibilidade. Tive a consciencia de que se tratava d'um crime grave cuja impunidade se pretendia conquistar á custa de empenhos. Por um momento, commovi-me, como portuguez que sou com todas as qualidades da minha raça, incorrigivelmente idealista, sonhadora e sentimental. Quasi fazia a promessa de que me interessaria «a valer» pelo desgraçado que em má hora sahira de casa, munido de faca, premeditando talvez a vingança d'uma affronta antiga, sonhando com a perturbadora gloria de ver o nome e o retrato nos jornaes de grande circulação...

Mas pude ter ainda um momento de reflexão, e avaliei, mais uma vez, indignadamente, toda a immoralidade do pedido que me faziam, reconheci quanto a sociedade precisa de defender-se dos elementos, falhos de senso moral, que a perturbam, e, levantando os olhos para a região alta e serena em que paira a Justiça, eu accentuei, sem violencias, mas com a firmeza d'uma convicção inabalavel, o meu proposito de jamais romper a consciencia d'um julgador. Sentia que me elevava moralmente, e já não queria deixar sahir de minha casa quem a ella viera dar uma prova evidente de depressão de caracter, sem tentar uma regeneração.

Mas todos os meus argumentos tinham como resposta invariavel, reveladora d'uma obstinação, talvez invencivel, em acertá-los: «Que mania a sua de querer endireitar o mundo... Para que havemos nós de estar com escrupulos, quando os outros não os têm? E' você, por ventura, capaz de me apresentar um homem que tenha dado o exemplo, alto e nobilissimo como você lhe chama, de, podendo fazê-lo, não se dirigir ao julgador a pedir que uma sentença seja formulada em certo sentido?»

Trouxeram estas palavras á minha memoria uma carta de Herculano que li ao meu interlocutor, ficando com a consoladora certeza de que ella o fez rememorar o seu passado de que talvez já tenha, a esta hora, sentido remorsos.

Dizia o immortal Historiador ao Conselheiro Martens Ferrão, a proposito de certa pretensão do seu amigo Gomes de Brito:

O sr. Gomes de Brito é um excellente moço, de quem, pelas qualidades do seu elevado caracter, sou amigo. Tem um negocio pendente da Procuradoria da Corôa e Fazenda. Não sei bem a natureza e circumstancias d'este: sei só que é questão de interesses de industrias francezes. Sobre a solução favoravel ou desfavoravel do negocio nada digo, porque não sei; nada peço, porque não devo. Nem eu poderia fallar, nem V. Ex.ª ouvir-me, sem que eu interrompesse, e V. Ex.ª deixasse de escutar a voz da justiça. O que peço, e peço com efficacia, é a brevidade da resolução. Não entra n'este empenho unicamente o desejo de servir o sr. Brito: entra tambem o amor proprio de portuguez. E' celebrado no mundo a nossa preguiza, e ha quem creia que nos portamos em breve a par das nações mais adiantadas, se riscassemos do dictionario da lingua a palavra amanhã. No seu exemplar sei eu que está apagada ha muito. Por isso conto que terá bom despacho o meu requerimento.

Sou quem sabe, De V. Ex.ª am.º obrig. e consocio

A. HERCULANO.

... nada peço, porque não devo. Nem eu poderia fallar, nem V. Ex.ª ouvir-me, sem que eu interrompesse, e V. Ex.ª deixasse de escutar a voz da justiça.

Estas palavras são das que nunca esquecem a quem tem dentro de si a aspiração constante de tornar-se cada vez mais perfeito. Por feliz me darei, quando souber que, ao menos, um dos leitores do seu jornal as meditou.

Creia-me Seu do coração, A. B. C.

2-11-911.

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, rua do Commercio do Porto n.º 124-B.

GAZETILHA

(Resposta ao illustre poeta Augustinus)

Que ideia, caro Augustinus, Você teve de lembrar-se Cá do mestre de meninos — Um chapadinho lapuz — P'ra negocios de juntar-se Novamente á sua cruz!

Franqueza não sei Resolver-lhe essa questão, Porque enfim nunca lidei Lá com metades extranhas Nem disso faço tenção: Desconheço-lhes as manhas!

Mas se nisso que nos conta E' sincero, na verdade, E se tudo quanto aponta, Nessa epistola d'estalo, Sobre a tão cara metade, E' de cêrbro sem abalo,

Você poderá talvez Conseguir um bom triumpho Fazendo como o outro fez Sem desmanchar-se no jogo; Amostre-lhe de cá o triumpho E verá que ella vem logo.

4-11-911. EL VIDALONGA.

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Fallecimento — Falleceu o nosso presado conterraneo sr. Francisco Marques Barbosa, exemplar chefe de familia, trabalhador e honesto. Surprehendeu-o a tuberculose, contando pouco mais de 35 annos, e morre, portanto, ainda novo, quando tinha direito a gosar a vida tranquillamente.

O sr. Francisco Barbosa era dos homens mais sympathicos da nossa terra. Merecia a todos estima, e o seu nome ha-de ser lembrado sempre com saudade. O nosso querido morto tem mesmo direito á gratidão dos seus conterraneos, pois elle d'algum modo auxiliou essa bella iniciativa, que um dia algum tomou, de fundar aqui um pequeno theatro que servisse para distrahir e educar. Foi mesmo a sua esposa, que neste momento soffre a maior dor da vida, uma das pessoas que mais se distinguiram entre as que pisaram o pequenino palco da nossa terra. Como ella ha-de soffrer, pondo em contraste a alegria d'essas noites breves, em que ouvia applausos, com a tristeza dos dias interminaveis d'agora que passa a chorar. Associamo-nos á sua dor, cumprimentando toda a familia enluctada.

O funeral do saudoso extincto, que se realisou na sexta-feira, ás 8 e meia horas da manhã, foi concorridissimo, incorporando-se no prestito funebre a musica Nova, de S. João de Loure, convidada pelo Grupo Dramatico Eixense. Sobre o feretro foram depostas duas cordas, offercidas, uma pela viuva, e outra pelos irmãos do extincto, tendo sido conduzidas até ao cemiterio pelos srs. Francisco Nunes Genio, primo do morto, e João Marques, seu antigo companheiro e amigo. Pegaram ás borlas do caixão os membros do Grupo dramatico, srs.: José Ayres, Thomaz Marques Delgado, José Luiz Ferreira d'Abreu e José Cypriano.

O funeral do querido morto foi uma dolorosissima homenagem de saudade a que commovidamente nos associámos.

Buscas — Na quinta-feira passada, realisou a policia demoradas buscas nas residencias dos srs. Padre Manuel Cruz, Antonio Simões da Silva, habil pharmaceutico, e José Fernandes de Jesus, importante proprietario. Como aconteceu com a busca realisada, ha semanas, na capela pertencente

ao sr. Eduardo Barbosa, nada foi encontrado de compromettedor. Antes assim, pois se estimamos a nossa tranquillidade, não desejamos menos a dos outros.

Notivos — Pelo sr. José Ferreira da Silva, digno empregado commercial no Porto, foi pedida em casamento a sr.ª D. Amelia Vidal, filha do nosso querido conterraneo e amigo sr. Angelo Vidal, professor do lyceu «Rodrigues de Freitas» e da Escola Industrial «Infante D. Henrique», d'aquella cidade. Enviamos aos noivos os nossos cumprimentos, desejando-lhes, desde já, as maximas felicidades.

Uma calumnia — O Diario de Noticias publicou, ha dias, a informação, enviada d'esta villa, de que se havia praticado aqui um rapto, attribuindo-o ao nosso bom amigo e conterraneo, sr. Manuel Saldanha, conceituado commerciante na capital.

Trata-se d'uma infamia, ou quem sabe? — d'uma brincadeira de pessimo gosto. Seja como fôr, o sr. Manuel Saldanha, mal teve conhecimento da extraordinaria noticia, immediatamente enviou ao Diario de Noticias a carta que inserimos a seguir, o que seria desnecessario para quem conhece e admira o seu caracter:

Sr. redactor do Diario de Noticias — Tendo tido ha dois dias conhecimento de uma local de Eixo (Aveiro), publicada no conceituado jornal de que v. é digno redactor, em 22 do corrente, a qual se refere a um rapto praticado por mim na referida localidade, e tratando-se d'uma infame calumnia que eu não posso admitir, não posso deixar sem protesto semelhante infamia, reptando o informador a provar a veracidade sob pena de ter o qualificativo que merece quem sem escrupulo tenta macular a dignidade alheia.

Pela publicação da presente fica muito grato o de v., etc. — Manuel Saldanha.

Em liberdade — Foram postos em liberdade os srs. José Maria Rodrigues (José Silverio) e Augusto Marques da Graça (Augusto Patarata), que haviam sido presos como supostos auctores do crime de que foi victima o saudoso e desventurado João Pio.

Não nos foi possivel colher, para o numero d'hoje, mais informações sobre este assumpto, que nos interessa vivamente, tanto mais que recemos a impunidade dos criminosos, sejam elles quem fôr. Mas vamos procurar colhê-las e d'ellas daremos conta na proxima semana.

Crime ou suicidio? — Foi encontrado um homem morto no campo d'esta villa, junto a Taboieira. Diligenciamos colher informações detalhadas sobre o caso, mas nada conseguimos saber. As autoridades, no entanto, procederão ás necessarias averiguações e no proximo numero poderemos talvez satisfazer a natural curiosidade dos nossos leitores.

Absolvição — Foi absolvido o sr. Daniel de Carvalho, que na segunda-feira respondeu no tribunal d'Aveiro, accusado de haver assassinado o nosso conterraneo João Rodrigues Felizardo (João do Gabriel). Não assistimos ao julgamento, mas informam-nos de que se provaram importantes circumstancias attenuantes da responsabilidade do sr. Carvalho que foi quem descarregou a pancada que produziu a morte do desventurado João Gabriel.

Doente — Está doente na Costa Nova do Prado, onde se encontrava a banhos, a sr.ª D. Maria de Carvalho, esposa do nosso amigo sr. Paulo Moreira. Desejamos-lhe promptas melhoras.

Partidas e chegadas — Retirou da Costa Nova do Prado, onde esteve a banhos, a sr.ª Felmina de Carvalho, esposa do nosso amigo sr. José Antonio de Carvalho.

Tambem regressou da mesma praia, com sua familia, o sr. Jayme Affreixo, illustrado capitão-tenente da Armada.

Anniversarios — Passou, no dia 30, o anniversario natalicio da sr.ª D. Maria Izazel de Lemos, esposa do nosso presado conterra-

neo e amigo sr. Sebastião Lemos, considerado commerciante na Prada do Porto.

— Passa hoje o 11.º anniversario do casamento do nosso presado amigo sr. Sebastião Pereira de Figueiredo a quem cumprimentamos bem como a sua Ex.ª Esposa, desejando que vejam passar o dia 5 de novembro por largos e venturosos annos.

— Faz hoje 11 annos que morreu o nosso conterraneo José Luiz de Pinho, mais conhecido por José Pinella. Decerto não o esqueceram ainda os seus amigos, mormente os que se deliciavam com as suas anedoctas contadas alli, no Pelourinho em lindas noites de luar!

ALÉM-MAR

Manaus, 11-10-911

5 de Outubro!... Plena florescencia de luz! Data aurea em que um povo, quebrando os grilhões que o traziam acorrentado a um regimen de crapula e latrocinios, soube collocar-se no lugar que lhe competia, unico que sintetisava o seu civismo.

5 de Outubro!... Fôco luminoso, clarão encandescente que ofuscará perpetuamente as futuras gerações.

Oh! vós, filhos do povo e da Republica, que ha um anno no dia de hoje vos cobristes de louros immarcesciveis, como vos sentireis felizes vendo os beneficios que está produzindo a vossa obra? E se algum desalento oriundo da ingratitude vos abalar ás vezes o vosso ferreo espirito, serenae-vos que em cada coração de compatriota tendes um altar, onde sois venerados com a idolatria do fanatismo.

Salve os homens de 5 de Outubro! Viva a Republica!

O 5 de Outubro em Manaus. O dia amanhecera plumbeo e triste. Uma fumaça espessa, irritante e enjoativa se derramava pela cidade, inoculando-se no organismo dos seus habitantes, cujo mal estar era latente. O sol, terrivel, dardejando raios fulminantes, só tarde, um pouco tarde nos veio fazer transpirar por todos os poros sem qualquer especie de exercicio ser preciso fazer-se.

Desde pela madrugada que o estampido constante de morteiros e bombas, nos fazia excessivamente agitar os nervos obrigando a nossa exaltada imaginação a reconstruir o quadro terrivel e heroico que á mesma hora e dia o anno passado em Lisboa se desenrolava e que foi a hora critica da republica. Como sentimos ainda hoje apoderar-se de todo o nosso ser uma agonia intensa ao fixarmos o pensamento nessa hora em que se não fosse a energia heroica e estoica de Machado dos Santos, continuariam no captivoiro 6 milhões d'almas?

São seis horas da manhã, 21 tiros de morteiro annunciam aos habitantes d'esta urbs que foi ica da no Consulado da Republica Portugueza, a bandeira da patria. 3 bandas de musica tocam a «Portugueza» a cujo som a nossa alma se dilata possuída da mais intensa alegria e entusiasmo.

Falla o Consul de Portugal. A sua palavra breve e facil é ouvida com religioso respeito. As suas palavras são poucas, mas revestidas do sentimento patriótico e democratico que caracteriza o distincto orador. Ao terminar as musicas tocam novamente a «Portugueza» e o entusiasmo chega ao delirio. Os vivas á Republica e aos seus vultos mais em evidencia, são constantes, incessantes, permanentes... E' um nunca acabar. Parece um bando de loucos furiosos que gesticulam, gritam, ameaçam... Foi uma apothose, extraordinaria, nunca vista.

As musicas d'alli percorrem algumas ruas da cidade, sempre

acompanhadas de enorme multidão. Das 9 ás 11 horas recepção official no Consulado. Alli foram levar as suas saudações ao representante do novo regimen os delegados de todas as classes manausenses, desde o operario ao burguez, como do mais humilde filho do povo ao mais alto representante social. Alli vimos s. ex.º o Governador do Estado, Inspector da 1.ª Região Militar, Chefe de Polícia, Presidente do Congresso, corpo diplomatico, representantes de todas as associações, etc., etc.

Organizada a marcha, percorreu as principaes arterias da capital sempre debaixo da maxima ordem e do mais extraordinario enthusiasmo. Ha 12 annos que residimos nesta cidade, nunca assistimos entre tantas passeatas que aqui se tem realisado, a nenhuma tão concorrida e imponente. Terminou na Praça de S. Sebastião que estava bellamente ornamentada. Aqui sim, aqui é que o enthusiasmo tocou o seu auge. Nunca vimos tanta gente reunida, naquella praça nem mesmo no dia de Carnaval. Sem exaggero continha para cima de 10.000 possoas!

Em dois coretos armados no centro da Praça, tocavam duas musicas escolhidas e peas do seu vasto repertorio e num cinematographo collocado ao centro faziam-se varias projecções, apresentando o retrato dos principaes vultos da Republica.

No Theatro Amazonas, em espectáculo de gala, representou-se o Filho da Republica, que foi desempenhado a geral, contento por alguns rapazes amadores.

Estiveram presentes o Governador do Estado com sua casa-civil e militar, assim como o nosso representante consular. Este retirou-se cedo para ir assistir ao baile que offereceu ao corpo diplomatico.

E assim terminaram as festas realisadas em Manaus, commemorativas do 1.º anniversario da nossa querida Republica cujo brilhantismo excedeu toda a expectativa. Decorreu tudo sempre felizmente, com a maxima ordem.

Sentimo-nos felizes por vermos que o ideal puro pelo qual tanto temos combatido e soffrido, vae ganhando raizes no coração do nosso povo sempre propenso a inclinar-se para os grandes ideaes. E, por hoje, basta de massada.

Manoel Vicente da Cruz (Zurc). P. S.—Já estavam escriptas as precedentes linhas quando nos che-

gou ás mãos o Jornal do Commercio d'hoje, do qual recortamos o seguinte:

Affronta ao Brazil

O consul portuguez em Manaus fez que um bando de seus correligionarios politicos attentassem contra a liberdade de imprensa.

Appello aos brasileiros

O consul de Portugal em Manaus, sr. Jeronymo Vicente Gomes, sem compostura precisa para comprehender a sua posição de hospede numa terra que sempre primou por acatar os estrangeiros, mandou hontem um magote de mais ou menos cem correligionarios politicos vir, ás oito horas da noite, atacar as officinas d'esta folha, porque o Jornal do Commercio se não limita a publicar, com relação aos acontecimentos de Portugal, sómente os telegrammas que são recebidos de Lisboa pelo agente commercial da Republica Portugueza, nesta cidade.

A hora a que nos referimos fomos brutalmente insultados á porta do nosso edificio por esses homens que, insuflados pelo consul portuguez, mostraram desconhecer que estamos num paiz tão livre que até dá guarida aos desordeiros!

Esses individuos, que nos queriam obrigar a deixar de nos encorajar a publicar as noticias que nos envia diariamente o nosso digno correspondente, tentaram invadir as nossas officinas para destruil-as!

Felizmente recuaram, diante da attitude calma, mas energica do dr. chefe de policia e, quando viram que o povo amazonense, tendo ao lado a nata da honrada colonia lusitana residente em Manaus, repelleria na altura o golpe de audacia que se pretendia praticar num paiz civilisado, numa terra que tem Constituição e onde a liberdade de imprensa é uma realidade, tão palpavel que não respeitam nem o lar do governador do Estado!

Diante d'esses lamentaveis successos, pelos quaes não podemos responsabilisar uma colonia inteira porque fazemos justiça aos portuguezes criteriosos e sensatos, que aqui vivem, lavramos o nosso protesto perante a nação, appellando neste momento para os sentimentos patrióticos, e no intuito de repellir, se preciso fór, qualquer attentado aos nossos direitos de povo livre e hospitaleiro e de paiz civilisado.

O que se deu hontem, a scena vergonhosa de que foi theatro a principal arteria da cidade de Manaus, é um acontecimento de tal gravidade que representa uma offensa directá á terra brasileira.

E, para que se não reproduzam factos d'essa ordem, pedimos providencias aos poderes publicos na certeza de que o nosso brio offendido será desaggravado para honra da imprensa livre e da nossa Patria!

E' tão grave o que acaba de lêr-se que enquanto nos não sciificarmos da verdade não emittimos opinião a esse respeito. Correm boatos desencontrados e talvez algo de grave se irá passar.

A' ultima hora corre insistentemente o boato de que hoje tarde haverá um meeting dos estudantes da capital, para protestar contra o vandalismo commettido contra o Jornal do Commercio. Quem de perto conhece o jacobinismo que possui a mocidade amazonense, tem razões justas para temer qualquer scena desagradavel.

E a causa unica é a thalassaria vil e infame.

Corja repugnante de bandidos! Na proxima darei noticias desenvolvidas d'este caso, cujas funestas consequencias ninguem pôde prever.

E até lá, caros leitores amigos, resignação e paciência!

Zurc.

ASSUMPTOS LOCAES

Ha muito de que tratar, mas falta-nos absolutamente o espaço. Reserva-lo-hemos no proximo numero. Por hoje, lamentamos apenas que ainda não tenha sido nomeado o encarregado do registo civil e de que se esteja á espera da ruina completa dos muros do adro e da praça, para então fazer obra nova.

Saberá um bocadinho mais ao alho, mas ao menos deve ficar coisa digna de ver-se.

Remendos deixar lá isso para os pobres.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 2

Acaba de dar mais uma prova de arrojo e coragem o distincto cyclist e nosso presado amigo sr. Antonio Dias Maia que, no ultimo domingo, ganhou o primeiro premio, na corrida das Caldas da Rainha a Lisboa, distancia que percorreu em menos tempo do que o «rapido», apesar de os caminhos serem maus e o tempo estar pessimo. Nas alturas da Azambuja, o sr. Maia reconheceu que os seus collegas Macedo e Larangeiro queriam atrapalha-lo, mas conservando serenidade, e sempre com a mesma coragem, conseguiu chegar á Avenida da Republica com 3 minutos de avanço, sendo acolhido por uma estrotoada salva de palmas por parte das pessoas que alli se aglomeravam em numero não inferior a 10.000. Não se ouvia dizer outra coisa senão «quem chegou primeiro foi o Maia» que era victoriado com extraordinario enthusiasmo. Pela minha parte, não deixei tambem de o cumprimentar, vendo com muito prazer que os seus amigos o estimam e consideram, pois não cessavam de aclama-lo, trazendo o em triumpho durante quasi um quarto d'hora.

O sr. Maia, que é considerado como o primeiro Campeão, já conta 22 medallas, o que erradamente se attribuiu no

ultimo numero do Correio do Vouga ao sr. José Maria do Pragal.

Acabam de chegar a esta cidade, vindas de S. João de Loure, a sr.ª Maria da Silva, dedicada esposa do nosso amigo sr. José Tavares de Figueiredo, e sua filha Rosalina.

Partiu para S. João de Loure, onde vae visitar a sua familia e tratar dos seus negocios, o nosso amigo sr. Antonio Dias Maia.

O nosso amigo sr. José d'Oliveira Abreu acaba de abrir o novo estabelecimento na Rua Saraiva de Carvalho, n.ºs 131 a 133. Destacando-se alli todas as commodidades, destacando-se os quartos e os gabinetes pelo seu primoroso acieo. Dos petiscos não será talvez conveniente falar, para não fazermos nascer agua na bocca aos leitores do Correio do Vouga, limitando-nos por isso a annunciar a «Caldeirada á fragateira» e o «coelho á caçadora» que o freguez encontrará sempre, preparados com o maximo acieo. O vinho é do melhor que apparece no mercado, como, de resto, todos os generos expostos á venda.

O estabelecimento do sr. José d'Oliveira Abreu recomenda-se ainda pelos bellos entretenimentos que os seus frequentadores nelle poderão gosar—o jogo do chiniquinho, da laranja e das cartas, e muitos outros.

Pela nossa parte, fazemos votos pelas prosperidades do negocio do sr. Oliveira Abreu.

Ha dias que estamos num regimen de verdejante inverno, sendo por vezes a chuva torrencial, de modo a interromper o transitio.—Milicias.

S. João de Loure, 28

Vindo de Manaus (Brazil) chegou a esta freguezia o sr. Joaquim Nunes da Silva Sequeira, acompanhado de sua esposa e filhos.

Retiraram para a Costa Nova do Prado, a usou de banhos, as sr.ªs Anna Maria de Jesus e Maria das d'Andrade.

Tambem partiram para a Barra, com o mesmo fim, as sr.ªs Rosa da Silva Laranjeira, Felicidade da Conceição Santos, Rosa Lopes da Silva e Joaquina Lopes da Silva.

Partiu, ha dias, para Lisboa o cidadão Manuel Marques dos Santos.

Ha uns poucos de mezes que a escola do sexo masculino d'esta freguezia se encontra sem professor, o que todos commentam desagradavelmente. Lembremos ao ex.º sr. Sub-Inspector do circulo escolar a necessidade de tomar com urgencia providencias sobre o assumpto.—C.

Alquerubim, 31

Fundou-se aqui um jornal com o nome—Concelho d'Albergaria—do qual sahio o primeiro numero no dia 28 do corrente. E' seu director o meu amigo e sr. dr. José Nogueira Lemos, e Editor David Pereira Lemos, proprietario, negociante e professor nesta freguezia. Que a sua vida seja muito longa, e o que muito desejo.

Já se acha em sua casa em plena liberdade o conceituado negociante de esta freguezia, que esteve preso oito dias, sendo infundadas as accusações que lhe faziam, pelo que o felicito.—C.

Nojões (Castello de Paiva), 26

O tempo vae chuyoso, triste, como que a querer-se associar á dor que me feriu pela morte do sr. Francisco da Silva Moreira.

A vida do saudoso extinto, que já contava mais de oitenta annos, é um bello exemplo.

Francisco Moreira nasceu pobre, dedicando-se desde creança a um trabalho arduo, mas sempre honesto, que lhe arantiu uma boa fortuna. Não seria o primeiro se, mal se viu rico, se tornasse orgulhoso e avarento, adulando os grandes e desprezando os pequenos. Mas aconteceu exactamente o contrario: tornou-se mais bondoso ainda, sendo o seu maior desejo vêr toda a pobreza feliz. A casa

neira como o paciente subiu as escadas do seu patibulo, a côr que levava, os olhos que fazia, a promptidão com que o cntello executou o seu abominavel serviço.

Os sanestistas, aqui ha dezeseis ou dezeseite annos, chamaram um rapaz imberbe que tinha nascido em Milão, metteram-lhe um punhal na mão direita, e disseram-lhe que, quando o presidente Carnot sahisse de theatro para voltar para casa, lhe varasse o figado com aquella lamina.

Santa Caserio — elle tinha este nome harmonioso—commetteu o crime com mão certa, e foi condemnado á morte.

A mortencia era espantosa: Não havia espaço na praça imensa para mais um espectador.

Depois, quando a cabeça condemnada cahiu no cesto, a multidão

do Outeiro, onde vivia, tornou-se um verdadeiro recolhimento dos pobres. Por isso elles choram hoje, tão amarguradamente, a morte do seu bemfeitor. Jamais se apagará do meu espirito a commovedora impressão que me deixou o facto de se incorporarem no funeral do extinto muitas mulheres, que levaram consigo os filhos, como que a quererem que elles, logo deute a creandice, comecem a prestar culto á bondade.

Oxalá que o exemplo de Francisco Moreira fructifique! Só assim esta minha querida terra natal poderá ser feliz.

Paz á alma do honrado cidadão e pezames á sua familia.—Luso-Paivense.

N. da R.—Por absoluta falta de espaço temos de continuar, já de posse de composta, a retinuação d'esta correspondencia.

O nosso amigo sr. José Pedro, correspondente d'este jornal em Thomar, encontra-se actualmente em S. João de Loure, d'onde continuará a mandar-nos, de vez em quando, as suas cartas, que versarão sobre assumptos de interesse para a sua terra natal. Já temos em nosso poder um a que publicaremos no proximo numero.

Constituição Politica da Republica Portugueza

Projecto n.º 3, tal como foi approvedo pela Assemblia Nacional Constituinte na discussão terminada na sessão nocturna de 18 de agosto de 1911, com as alterações feitas para a redacção final pelas commissões de redacção e constituição e pelos auctores emmendadas

(CONTINUAÇÃO)

TITULO VI

Disposições Geraes

Art. 71.º A Republica Portugueza, sem prejuizo do pactuado nos seus tratados de aliança, preconisa o principio da arbitragem como o melhor meio de dirimir as questões internacionaes.

Art. 72.º São cidadãos portuguezes, para o effeito do exercicio dos direitos e obrigações, todos aquelles que a lei civil considere como taes.

§ unico. A perda e a recuperaçao da qualidade de cidadão portuguez são tambem reguladas pela lei civil.

Art. 73.º E' assegurado a todos aquelles que, á data de ser promulgada esta Constituição, se encontrem servindo no exercito e na armada, o direito á medalha militar, nos termos das respectivas leis e regulamentos.

§ unico. São mantidas as pensões que até ao presente foram concedidas aos condecorados com a Ordem da Torre e Espada.

Art. 74.º E' mantida a medalha ao merito, philantropia e generosidade, bem como a de bons serviços no Ultramar.

(Continúa).

Um caso de philosophia moral

(CONTINUAÇÃO)

Com effeito, quando o respeito nos prohibe de praticar certos actos em presença do publico, o melhor é fugir para longe, para o alto mar, e esconder-se atraz dos rochedos; é melhor sahir para fora da barra!

O céo e as ondas contemplaram n'esse momento um espectáculo que não tem nome: muita gente em linha, não sei se se transida, se insensivel, a olhar para um rapaz com uma corda atada ao pescoco. Puxaram uma vez, puxaram outra vez, ataram o calibre a uma varanda... e eil-o... enforcado nas vergas...! Viram passar-lhe de alto a baixo,

pelo corpo suspenso no ar cinco ou seis d'essas medonhas convulsões ondulatorias que são proprias de semelhantes momentos e que fazem lembrar os engulhos de uma lagarta quando vae a andar, ou a deglutição volumosa e hedionda de uma gi-boia!

Eu pergunto se haverá imaginação, se haverá palavra humana que seja capaz de reproduzir a tempestade cava, soturna, que se passou na alma do marinheiro durante esses momentos angustiosos, quando o navio levantou ferro, e começou a andar, e se encaminhou para um logar solitario, e parou no sitio onde o destino lhe talhara a forca e a sepultura!

Não enforcariam elles um cada-ver?

Pouco tardou que o barco homieida, desembaraçado do ebrío, viesse

occupar outra vez o logar que lhe pertencia no meio do grupo.

Maria, minha querida irmã, a curiosidade d'essas multidões ignominiosas que se apertam sempre em volta de um cadafalso, a ancia com que ferram os olhos no rosto do paciente para não perderem o menor movimento da sua dor, a praça da grêve em plena funcção, resuscitando nos nossos dias as antigas commoções do circo Flavio! Para fazer despertar os nervos embotados, comatosos, não ha nada como disfructar a tração de um homem que vae morrer debaixo do gume. E' um theatro ao vivo! E' um sangue verdadeiro que corre das veias abertas da machadinha!

Ao meio-dia, á meza onde o operario se senta para comer o seu pão quotidiano com a sua mulher e com os seus filhos, commenta se a ma-

desmanchou-se e soltou um trovão de applausos.

Ora eu pretendo que essas palmas foram suggeridas pelo inferno, e pelo que elle tem de mais infame e de mais tenebroso.

Pois quê, para a consciencia publica se sentir e se mostrar alliviada é preciso que se manifeste d'essa maneira deshumana e que esqueeça os sentimentos de compaixão e de respeito que deve aos ultimos instantes da victima?! Terá qualquer apparencia de grandeza e de justiça esse vomito da plateia á vista do sangue derramado do criminoso?! E se os poderes publicos devem olhar pela purificação das sociedades que regem, não deveremos nós todos aos prevaricadores um pouco de commiserção e de piedade?!

(Continúa)

Bispo de Angola e



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

Larg ds Lyos, 45 PORTO

Ultimas publicações: MANUSCRITO ESCOLAS PRIMARIAS

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muito proprios para modelos calligraphicos...

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores. Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças Puerilidades por Angelo Vidal

PORTUGAL NA CRUZ Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho - 158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario Redacção e Administração: R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado) Portugal—anno—1200 semestre—600 Africa—anno—18500 Brazil—anno—(moeda forte)—2200

ABC ILLUSTRADO

A venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

Angelo Vidal Edição da Livraria Fernandes

ALBANO DE SOUZA 3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores...

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F. 5.ª edição. 400 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

A FAMILIA MALDONAO POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES POR FRANCISCO BARRIOS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho - Rua da Prata, 158 e 160 - Lisboa.

ANGELO VIDAL

Apello aos pres...

ABC ILLUSTRADO

A venda em todas as livrarias.

2.ª edição - Brochado 60 - Cart. 100

Convenido de que a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras...

Quadros parietaes d'este methodo: Collecção de 12 quadros em papel, 300 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2000 reis.

LEON TOLSTOI

Ao Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garçon. 1 vol. 200

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayer. 1 vol. 100

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100

O Bom senso do A Razão d'um Padre. Traducção de M. com uma noticia de França Borges. 1 vol. 500

Atravez das edades. Poemete oferecido ás pedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol. 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayer. 1 vol. 100

LIVRARIA CENTRAL DE Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160 - LISBOA

SCIENCIA E RELIGIAO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahentea dos dados positivos fornecidos pel sciencia, moderna sobre a genese e cohesão das religioes especialmente da chista, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opiniao e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras Preço 500 reis

A RIR... A RIR... DIRECTOR E UNICO REDACTOR

50 rs. - 32 paginas - 50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfadado...

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da Bibliotheca Humoristica, fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, Rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituido ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e com pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

A RIR... A RIR... seguir-se-hão as Gargalhadas satanicas, com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas, A Moral e a Literatura, depois as Dejecções Theatraes, etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracteristica o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

4. ANNO N.º 43

CORREIO DO VOUGA (EIXO)

Redacção e Administração - R. do Commercio do Porto, 124-B - PORTO

Cam.º Int. PUBLICAÇÕES Anuncios, por cada linha. 10 reis Comunicados, cada linha. 20 Para os srs. assignantes 25 P. c. de abatimento. Anunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.